

A relação entre ambiguidade, liberdade e condição humana em Simone de Beauvoir

The relationship between ambiguity, freedom and human condition in Simone de Beauvoir

Lucas Joaquim da Motta¹

Resumo: O objetivo do trabalho é investigar como Simone de Beauvoir (1908-1986) pensou a ambiguidade da condição humana e qual sua relação com a liberdade do sujeito, com base no ensaio *Por uma moral da ambiguidade*, escrito em 1947. Nessa obra, a filósofa defende que o sujeito desvele seu ser através da sua própria liberdade. Dessa forma, a liberdade é a premissa primeira da existência, sendo que esta condição de homem livre que permite a fundação de uma moral. A filosofia de Beauvoir visa refletir a ambiguidade da condição humana, em vista que é por tal ambiguidade que o sujeito se pensa como sujeito livre e moral, sendo ambas as mesmas escolhas. A moral existencialista proposta pela filósofa recusa quaisquer justificações prévias dos valores estabelecidos pela humanidade, pois, segundo ela, a existência do sujeito precede qualquer valor absoluto. Somente após o aparecimento do homem como existente no mundo que ele cria seus próprios valores. Beauvoir se dedicou em edificar uma moral da ambiguidade, uma vez que a condição humana apenas é possível através da busca do homem pela liberdade. Nessa perspectiva, uma moral da ambiguidade pensará como as liberdades singulares criam leis equivalentes para todos. Apenas pelo contato da liberdade do sujeito com a liberdade de outrem que tal moral se tornaria exequível. Desse modo, liberdade e moralidade seriam as mesmas escolhas, pois o sujeito é livre, mas encontraria sua lei na própria liberdade.

Palavras-chave: Beauvoir; Liberdade; Condição; Moral; Ambiguidade.

Abstract: The purpose of the work is investigate how Simone de Beauvoir (1908-1986) thought about the ambiguity of the human condition and its relation to the freedom subject, based on the essay *The Ethics of ambiguity*, written in 1947. In this work, the philosopher argues that the subject unveils his being through his own freedom. Thus freedom is the first premise of existence, and this condition of free man allows the foundation of a moral. Beauvoir's philosophy seeks to reflect the ambiguity of the human condition, since it is by such ambiguity that the subject thinks of himself as a free and moral subject, both being the same choises. The existentialist morality proposed by Beauvoir refuses any previous justifications of the values established by humanity, since, according to Beauvoir, the existence of the subject precedes any absolute value. Only after the appearance of man as existing in the world does he create his own values. Beauvoir set about building a moral ambiguity, for the human condition is possible only through man's pursuit of freedom. From this perspective, a moral of ambiguity would think about how singular freedoms would create equivalent laws for everyone. Only by contacting the subject's freedom with the freedom of others would this morality become

¹ Graduando em Filosofia pelo Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: lucasjoaquimdamoto2000@gmail.com.

feasible. Therefore, freedom and morality would be the same choices, since the subject is free, but would find his law in his own freedom.

Keywords: Beauvoir; Freedom; Condition; Moral; Ambiguity.

* * *

1. O que é liberdade, segundo Beauvoir?

Simone de Beauvoir se destaca por refletir a liberdade, devido tal liberdade ser a própria substância do sujeito fático, isto é, do sujeito que se realiza como ser humano e, com razão, que se descobre no mundo. Os escritos de Beauvoir, em direção a pensar o sujeito livre, nos revelam uma ampla análise filosófica, em vista que a liberdade é o núcleo da investigação da autora. A filósofa ressalta que, antes de tentarmos compreender “[...] se é através de um conteúdo qualquer que podemos nos querer livres” (BEAUVOIR, 2005, p. 28), é necessário admitir que a vontade de ser livre se desenvolve ao longo do tempo, pois é no desenrolar do tempo que visamos o fim e confirmamos a própria liberdade. Assim, nos deparamos com a ideia de ação. A ação seria aquilo que participa e, ao mesmo tempo, constrói a liberdade. Nesse sentido, segundo Beauvoir, supõe-se que a liberdade se realiza como unidade através do fracionamento do tempo, ou seja, como uma necessidade que “[...] a meta rumo à qual me supero apareça para mim como ponto de partida rumo a uma nova superação” (*ibidem*, p. 28). Apenas quando os momentos da vida do indivíduo são organizados em comportamentos que este pode decidir e escolher seus atos². Com razão, se não houver a suposição da ação como construtora da liberdade, o sujeito fático se encontraria numa situação³ de existência que não se fundaria e, ao fim, desabaria instante por instante no nada. Se o sujeito desabasse a cada instante no nada, ele não poderia justificar sua transcendência. Como a própria Beauvoir escreveu, é uma

² Não devemos confundir a noção de ação humana com a de comportamento, uma vez que, há uma diferenciação teórica entre elas em Simone de Beauvoir. Pela primeira expressão, ou seja, a ação humana, podemos entender como aquilo que permite o homem “[...] assumir os riscos” (*ibidem*, p. 203) de seu futuro, a saber, o lançamento de si mesmo rumo a um fim, através da busca pela liberdade. Logo, “[...] o homem pode agir, ele precisa agir: ele só é ao transcender-se. Ele age no risco, no fracasso. Deve assumir o risco: ao lançar-se rumo ao futuro incerto, ele funda com certeza seu presente. Mas o fracasso não pode assumir a si mesmo” (*ibidem*, p. 203). O comportamento, por sua vez, remete a uma conduta humana, isto é, refere-se a uma escolha, pois “[...] até mesmo nossa passividade é escolhida; para não escolher, é preciso ainda escolher não escolher; é impossível escapar” (*ibidem*, p. 185). Mas essa diferenciação é meramente introdutória, de tal modo que não iremos nos atentar sistematicamente nelas.

³ O termo *situação* é totalmente filosófico, pois comporta, em sua definição, o interesse do sujeito de agir no mundo. Para Beauvoir, um homem apenas se situa ao projetar-se no mundo e, com razão, é através dessa projeção que o sujeito acaba situando os outros homens que estão em torno de si. A concepção de projeto ficará mais clara no discorrer do texto.

liberdade criadora, pois “[...] a cada instante, ele [o homem] desvela o ser visando a um desvelamento ulterior; a cada instante, sua liberdade se confirma através da criação inteira” (*ibidem*, p. 29). Por isso ser uma superação que atua a todo instante. Assim:

A liberdade é a fonte de que surgem todas as significações e todos os valores; ela é a condição original de toda justificação da existência; [...] ela não pode fundar uma recusa de si mesma, pois ao recusar-se recusaria a possibilidade de qualquer fundamento. Querer-se moral e querer-se livre é uma única e mesma decisão. (BEAUVOIR, 2005, p. 26).

Todo sujeito é livre a partir do instante em que se lança no mundo. Esse lançamento é uma espontaneidade original para que o sujeito alcance a legitimidade da sua presença no mundo. No fundo de um plano moral, a liberdade está presente como causa de si e causa das possibilidades do ato moral. Com base nisso, a liberdade é causadora de todos os fundamentos, isto é, de todo o conjunto de normas que tornam possível a existência. Antes de buscar qualquer sentido de sua vida, o homem deve se colocar diante de sua própria liberdade; sem esse movimento não seria possível pensar uma condição moral a todos os homens. Recusar a liberdade é recusar a fundamentação de qualquer coisa que permite com que o ser humano afirme-se como tal, portanto, ao projetar a realização dos fins concretos da singularidade do homem, ele estaria se projetando em direção a si mesmo e a outrem. Desse modo, ao se deparar com a pluralidade de projetos, através da busca pela liberdade, o homem também se torna moral.

2. O existencialismo como doutrina otimista e a moral existencialista

Explicar o que seja o existencialismo de Simone de Beauvoir parece-nos uma tarefa um tanto difícil. A autora nos deixou importantes obras para que pudéssemos refletir seu pensamento filosófico. Antes de qualquer coisa, é necessário entendermos que a doutrina existencialista de Beauvoir possui suas raízes, principalmente, na fenomenologia de Husserl, na ontologia de Heidegger, no existencialismo de Sartre, entre outros. Mas há certa peculiaridade em Beauvoir que, entre várias coisas, distinguem-na desses citados anteriormente. Seria um trabalho árduo abordar tais peculiaridades, portanto vamos nos atentar apenas na breve noção de existencialismo que a autora nos dá. No ensaio *O existencialismo e a sabedoria das nações*⁴, Beauvoir dissertou que a

⁴ *O existencialismo e a sabedoria das nações* é uma coletânea de artigos escritos por Beauvoir para a Revista francesa *Les Temps Modernes*, fundada por Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty, a própria Beauvoir, entre outros, em 1945. Nessa coletânea, temos os seguintes artigos: “O existencialismo e a sabedoria das nações”, “O Idealismo Moral e o Realismo Político”, “Literatura e Metafísica”, e, por fim,

doutrina existencialista tende a perturbar a ideia de que “[...] se o homem não pode modificar a sua essência, se não intervém no seu destino, só lhe resta aceitá-lo com indulgência: isso dispensa-o das fadigas da luta” (BEAUVOIR, 1965, p. 36). Logo, um dos pressupostos da filosofia beauvoiriana é recusar qualquer natureza preestabelecida e fazer com que o indivíduo assuma unicamente a sua própria existência no mundo, sem qualquer tentativa de mascarar sua condição, para, assim, tal indivíduo superar a si mesmo a todo instante. Assim, a intenção da filosofia existencialista de Beauvoir é a de evitar o fracasso recusando os fins da existência como absolutos, aos quais é lançada a transcendência do sujeito. A própria autora escreveu que “[...] o homem é o único e soberano senhor do seu destino, se quer sê-lo; eis o que afirma o existencialismo; é indiscutivelmente, um otimismo” (*ibidem*, p. 35). Em outra análise, dessa vez no ensaio *O segundo sexo*⁵, Beauvoir escreveu que “[...] todo indivíduo que se preocupa em justificar sua existência sente-a como uma necessidade indefinida de se transcender” (BEAUVOIR, 2010, p. 30); portanto, qualquer indivíduo que busca atribuir um sentido a sua existência busca transcender a si mesmo a todo o momento, ou seja, tal indivíduo faz suas escolhas e se projeta no mundo, para, assim, alegar a legitimidade de sua existência. Nessas condições, o existencialismo, nas palavras da autora, causa certa inquietação, pois todas as práticas consideradas boas ou más seriam resultados da própria liberdade humana. A questão aqui é saber se o existencialismo permite a elaboração de uma moral, em vista que é preciso pensar como os valores de *bem* e *mal* se assumem no mundo. O homem, através de sua própria liberdade, cria uma rede de responsabilidades através de seus atos, isto é, de suas ações dentro do mundo. Por essa razão justamente que o existencialismo é uma doutrina que pensa a moral como condição humana.

[...] parece-nos até mesmo que é a única filosofia [o existencialismo] em que uma moral tem seu lugar. [...] Apenas o existencialismo concede [...] um lugar real ao mal; e é talvez o que faz com que o julgemos tão sombrio: os homens não gostam de se sentir em perigo. (BEAUVOIR, 2005, p. 33-34).

“Olho por Olho”. A citação a qual esta nota faz menção encontra-se em “O existencialismo e a sabedoria das nações”.

⁵ A obra *O segundo sexo*, publicada em 1949, foi a que consagrou Beauvoir como filósofa. Nela que encontramos a famosa frase “ninguém nasce mulher: *torna-se* mulher” (BEAUVOIR, 2010, p. 361, grifo meu); e ao escrever tal frase, Beauvoir também se utilizou da ambiguidade para pensar a condição feminina. Pois há uma escolha em se *tornar* algo ou não. Ou o sujeito assume os valores que a sociedade lhe impôs, ou o próprio sujeito cria seus valores e os assume. Neste ensaio, Simone de Beauvoir faz referência a uma *ambiguidade fundamental*. Na medida em que o sujeito não possui uma natureza preestabelecida, a mulher possui certo “mistério”, pois, segundo a autora, “ela [a mulher] está presente, mas escondida sob véus”. A ambiguidade também está presente na reflexão acerca do ser feminino, em vista que a presença deste se manifesta, mas também permanece indefinível “para si mesma” (*ibidem*, p. 347).

Contudo, a questão que não quer calar é: em que consiste a moral existencialista? Seria muita audácia tentar responder categoricamente essa indagação. Porém, o edifício da moral existencialista de Beauvoir se resume na colocação do indivíduo no mundo da facticidade através de projetos ⁶como transcendência, ou seja, pelo movimento da consciência em direção ao próprio ser. A liberdade deste mesmo indivíduo apenas pode ser alcançada pela constante e incansável superação em vista de outras liberdades, tal qual a consciência só existe a partir de outra, ou melhor, só se percebe - no sentido leibniziano do termo - confrontando uma a outra. Logo, não há apenas uma liberdade, e sim liberdades particulares que totalizam uma liberdade universal, donde cada indivíduo existente no mundo realiza a sua própria vontade de ser livre. A liberdade é um projeto que concilia o singular com o universal. Segundo Beauvoir, a única justificativa da existência fática ⁷é dada pela expansão dessa mesma existência rumo a um futuro indefinidamente aberto, como, se assim posso comparar, uma hipérbole matemática, uma vez que, como na hipérbole matemática, também na existência fática temos uma abertura do infinito que nunca se cessa e tampouco se intersecta com quaisquer outros pontos presentes na realidade onde se encontra o sujeito em questão. A ontologia existencialista tem como um dos elementos definitivos o fracasso, contudo, para Beauvoir, esse fracasso também é ambíguo, uma vez, que sem ele, não haveria a possibilidade de uma moral. “Sem fracasso, não há moral” (*ibidem*, p. 16), escreve Beauvoir, pois sem fracasso “[...] a noção de *dever-ser* não teria sentido” (*ibidem*, p. 16, grifo meu). Nessa perspectiva, Beauvoir pensa acerca da possibilidade de superar o fracasso para que assim o sujeito prossiga seu movimento. É preciso um engajamento que dê um conteúdo particular ao projeto para que, ao fim, o indivíduo preencha seu livre movimento da existência. Assim ocorre a fundação do projeto. Além disso, a moral existencialista de Beauvoir não está associada à ideia de Deus, uma vez que, tal ideia sendo a infinidade e a plenitude de ser, não há, segundo Beauvoir, distância alguma entre seu projeto e sua realidade. Deus é, logo *não* está a procura de *ser*. Não há como fundar algo que já possui sua perfeição de

⁶ Do latim *projectus*: aquilo que é “lançado para frente”. Desta maneira, o projeto seria aquilo que permite o sujeito lançar-se rumo a um futuro, criando, assim, sentidos para a sua própria vida. Para Beauvoir, “[...] o homem tem que ser seu ser; a cada instante ele busca se fazer ser” (BEAUVOIR, 2005, p. 168). Isto seria o projeto. E essa é a definição que iremos adotar aqui.

⁷ Ao escrever sujeito/ experiência fática ou facticidade, estamos em face de uma das definições centrais da filosofia beauvoiriana, pois a subjetividade fática se faz no mundo, e o mundo fático é aquele mundo que engloba questões inteiramente espaciais, isto é, externas, como, por exemplo, “que horas são?” e “onde estou?”.

ser. Assim, “[...] o homem jamais está em situação a não ser diante de homens, e esta presença ou esta ausência no fundo do céu não lhe diz respeito” (*ibidem*, p. 156). Mas como o indivíduo pode pensar-se como algo útil no mundo, sendo que ele não possui nenhuma natureza humana precedente à sua existência com a qual comparar-se? Para compreendermos o sentido da palavra útil é necessário saber, antes de qualquer coisa, que nada é útil e, com razão, nada também é inútil. A utilidade do homem apenas pode ser “[...] definida no mundo humano constituído de projetos do homem e pelos fins que ele se propõe” (*ibidem*, p. 17). Assim, as significações das palavras útil e inútil são dadas através do mundo, cujo homem em questão se posiciona como existente e funda seus projetos rumo a um fim.

A justificativa da transcendência do sujeito encontra-se na projeção da espontaneidade humana, que está sempre em direção a algo. O projeto, segundo Beauvoir, é integralmente singular e, portanto, finito. Desse modo, a dimensão temporal da transcendência não é desejada por si mesma, pois depende do objeto fundado. Para a filósofa francesa, é uma análise existencial que permite extrair o sentido universal de todas as escolhas do homem, que busca compreender sua própria unidade. Assim, o homem é livre de todas as suas preocupações, em vista que existe apenas a impressão do momento. Se há somente a impressão do momento, logo o indivíduo “[...] que passou por verdadeiros amores, verdadeiras revoltas, verdadeiros desejos, verdadeiras vontades” (*ibidem*, p. 128) encontra a certeza de suas metas a partir de seus próprios impulsos.

[...] eu não posso contar com homens que não conheço, apoiando-me na bondade humana e no interesse do homem pelo bem da sociedade, sendo aceite que o homem é livre e que não há nenhuma natureza humana em que eu posso basear-me. (SARTRE, 1978, p. 13).

Seguindo Sartre, para Beauvoir, os valores que caracterizam um indivíduo como bondoso ou maldoso não se apresentam naturalmente, ou seja, não são dados naturais. Se ele não é por natureza bondoso, tampouco é maldoso. Tal indivíduo assume tais valores “[...] conforme assume sua liberdade ou a renega” (BEAUVOIR, 1965, p. 34). A natureza é descrita por Beauvoir com perfeita imparcialidade, isto é, isenta de qualquer julgamento particular, pois, em princípio, o sujeito é nada, sem nenhum dado antecipatório de sua condição. Após assumir sua liberdade é que ele se coloca como um dado. Através do mundo fático é que o homem ultrapassa a separação das consciências e supera a sua situação. Assim, o homem *torna-se* bondoso ou maldoso a partir do momento que ele se lança no mundo e assume sua condição de homem livre.

3. Condição do sujeito moral e existência

Como dito anteriormente, a liberdade é a fonte para que o sujeito se realize no mundo e, com razão, exerça seus projetos de vida. Nessa perspectiva, ao refletirmos a liberdade nos escritos de Simone de Beauvoir, percebemos que ela é ambígua, sendo que, de modo congruente, temos um querer livre e um querer moral, sendo ambos a única e a mesma decisão. A ambiguidade é uma condição para a existência fática e ela se direciona ao sujeito que se realiza no mundo. O sujeito não é um ser totalizado, logo ele busca o ser. Desse modo, a busca do ser ocorre no mundo que próprio funda a todo instante. E, com razão, é neste mesmo mundo que se desvela a existência do indivíduo.

Existir é fazer-se *falta* de ser, é lançar-se no mundo: podemos considerar como sub-homens aqueles que se aplicam a reter esse movimento original; eles têm olhos e ouvidos, mas se fazem desde a infância cegos e surdos, sem amor, sem desejo.. [...] Quanto menos ele [o sub-homem] existe, menos há para ele razões de existir, uma vez que essas razões só se criam existindo. (BEAUVOIR, 2005, p. 40, grifo da autora).

É curiosa a expressão *fazer-se falta de ser* utilizada por Beauvoir para conceituar a existência humana. Porque a autora se utilizou dessa expressão? Para Beauvoir, o sujeito na sua vã tentativa de ser Deus, se faz *existir* como homem. O homem se satisfaz com essa condição de procurar ser Deus, isto é, de buscar o absoluto. Porém, ele fracassa. Não há, para Beauvoir, como justificar a existência fática sem se utilizar dessa tendência do ser humano de idealizar ser um ente que ele jamais será. É nessa situação que ocorre a manifestação e a afirmação da existência do ser humano. Em suma, o indivíduo se faz falta de ser para assim buscar o absoluto, a completude de ser. Para buscar a completude de ser é necessário que haja a carência de ser, pois só assim o homem se lançaria no mundo como um sujeito existente. Ao ocorrer tal lançamento, o ser humano assume sua condição de indivíduo livre e, com razão, moral.

Essa falta, essa carência de ser, é o que nos permite existir, que possibilita nosso lançamento no mundo. Na perspectiva da autora, o ser humano não possui essa totalidade ou, em outros termos, essa integralidade de ser, devido a essa mesma completude ser o objetivo último do movimento existencial do sujeito. Ora, agora resta-nos compreender como essa falta de ser nos permite afirmar que somos seres existentes no mundo. A existência implica a confirmação do próprio indivíduo, de tal modo que, qualquer sujeito que recuse a se colocar diante do *existir-se* se torna um “sub-homem”. Este seria aquele

que nega a sua própria condição humana, contudo, ao realizar a negação da condição, o “sub-homem” estaria confirmando-a, pois nada o distanciaria de sua condição de sujeito existente no mundo. É uma escolha do “sub-homem” acerca de sua condição, ele se nega a afirmar sua própria existência. Essa negação da existência seria a má-fé⁸. Isto é, o resultado do uso equivocado que o sujeito faria da sua própria liberdade no meio da situação da qual ele está inserido. Retornando à definição que Beauvoir nos dá sobre a existência, é impossível fugir do movimento de lançar-se no mundo, pois, ao tentar tal fugacidade, o sujeito também estaria exercendo sua condição de existência. Em outras palavras, é uma espécie de círculo vicioso, cuja existência se concretiza independentemente do indivíduo assumi-la ou não. Logo, nos deparamos com uma das primeiras verdades do método beauvoiriano: o homem existe independentemente de afirmar ou recusar sua condição de homem livre; nada pode ser compreendido na filosofia de Beauvoir antes de admitirmos essa máxima como verdadeira. O homem, como dito anteriormente, existe, logo, o homem existente é livre para definir suas próprias condições. Para Beauvoir, é indiferente o homem indagar a si próprio sobre sua utilidade no mundo e se a vida vale a pena ser vivida, de em vista que estas questões são destituídas de sentido, isto é, afastadas de uma ideia original. Com razão, o ser humano, através da sua própria liberdade, gera ao seu redor uma carga de responsabilidades dentro de um mundo que ele mesmo irá desvelar. Por fim, “cabe ao homem fazer com que seja importante ser homem, e apenas ele pode experimentar seu êxito ou seu fracasso” (BEAUVOIR, 2005, p. 20).

O entrelaçamento entre liberdade e moralidade se daria de qual modo, sendo que o ser humano é livre a partir do momento que aparece no mundo? O homem se posiciona em direção a sua própria liberdade para, assim alcançá-la. Porém “[...] querer ser livre é

⁸ Seguindo a linha de raciocínio sartriano, a má-fé é evidentemente um mentir-se para si mesmo, pois dissimula a total responsabilidade do compromisso. Para Sartre, se definirmos a situação do homem como uma escolha livre, sem desculpas e sem auxílio, todo homem que se refugia na desculpa que inventa um determinismo é um homem de má-fé. Porém, o sujeito pode querer estar na má-fé. O próprio Sartre escreve que não há nenhuma razão para que não o seja. Mas isso distanciaria o sujeito em questão da “atitude de uma estrita coerência”. Isto é, o distanciaria da boa-fé. Os atos dos considerados homens de boa-fé “têm como último significado a procura da liberdade como tal” (SARTRE, 1978, p. 19). Desse modo, o indivíduo através da má-fé aceita os valores dados externamente. Em outras palavras, o sujeito engana a si mesmo; porém, ele se engana ciente de tal escolha. Daí a má-fé ser uma mentira, no sentido de enganar a si mesmo. Para exemplificar a má-fé, Sartre, em *O ser e o nada*, faz menção a um garçom. Um garçom, segundo Sartre, não passa de uma abstração, portanto, nas palavras de Sartre, é toda uma cerimônia, que tende a agradar os fregueses, com o intuito do ser garçom deixar de ser aquilo que tais fregueses esperam. Logo, não há ser garçom, porém, ainda assim, o indivíduo molda a si mesmo como um garçom, reduzindo-se a um objeto. Nessa perspectiva, “[...] o garçom brinca com sua condição para realizá-la. (SARTRE, 2007, p. 106, grifo do autor).

efetuar a passagem da natureza à moralidade fundando na irrupção original de nossa existência uma liberdade autêntica” (*ibidem*, p. 26). Em outras palavras, é uma passagem original e inevitável para tornar possível a existência. Por isso que é uma fundação do ato livre do homem que o permite realizar e afirmar ao máximo seu projeto. A realização da liberdade seria um escape para outrem quando, colocada a presença do objeto, o sujeito se posicionaria diante dele como pura presença.

4. A ambiguidade da condição humana

Simone de Beauvoir escreveu que não devemos confundir a noção de ambiguidade com a noção de absurdo, pois o absurdo recusa toda a possibilidade moral da existência, e como dito antes, a escolha moral e a escolha da liberdade, como premissas da condição humana, são as mesmas. Segundo a autora, o pensamento existencialista surgiu através de uma filosofia da ambiguidade, uma vez que tal doutrina reflete o fundamento humano e o engajamento da liberdade humana. Deste modo, o homem apenas pode se afirmar como tal através de situações cujo fato singular é universal; ele só é ser humano quando assume sua liberdade e esta transborda na própria existência.

Entretanto, não se pode esquecer que há um laço concreto entre liberdade e existência; querer o homem livre é querer que *haja* ser, é querer o desvelamento do ser na alegria da existência; para que a ideia de libertação tenha um sentido concreto, é preciso que a alegria de existir seja afirmada em cada um, a cada instante; é espessando-se como prazer, como felicidade, que o movimento rumo à liberdade assume no mundo sua figura carnal e real. (BEAUVOIR, 2005, p. 110, grifo da autora).

Desejar a liberdade, em outras palavras, é empenhar-se na alegria da existência do indivíduo. Mas o que seria essa *alegria da existência*? Podemos compreendê-la como a alegria individual e viva do sujeito, que o permite amar sua própria vida, sem nenhuma dependência com outrem. O indivíduo jamais conseguirá justificar sua vontade de viver se ele buscar em outrem algum laço para amar sua própria vida e, com razão, desvendar sua existência, em vista que tal amor pela vida é puramente particular e suscetível de recuperar sua alegria individual. Ao nos dedicarmos a realizar ao máximo essa alegria existencial nos colocamos em um movimento rumo à liberdade, assumindo nossa figura carnal e real no mundo. Todo esse entrelaçamento da liberdade com a condição do sujeito resultaria em uma moral ambígua, pois, segundo Beauvoir, a moral não seria um determinado conjunto de valores e de princípios constituídos; contrário a isso, a moral seria o movimento constituinte pelo qual valores e princípios são assentes, isto é,

fundamentados. Desse modo, o indivíduo só consegue se definir através da sua relação direta com o mundo e com os outros indivíduos. A sua existência é possível devido à sua transcendência, e a sua liberdade só é realizável graças o contato dela com a liberdade de outrem. Querer que haja ser, nas palavras de Beauvoir, é também querer que existam homens *por quem e para quem* o mundo seja dotado de significações humanas. Para a autora, em hipótese alguma um projeto pode se definir se não houver a sua interferência com outros projetos. Assim, “[...] fazer ‘com que haja ser’ é comunicar-se através do ser com outrem” (BEAUVOIR, 2005, p. 62).

Poderíamos compreender como ambiguidade aquilo que caracteriza a condição humana na mundanidade, isto é, no mundo externo. Os homens, principalmente os filósofos da tradição, tentaram esconder essa ambiguidade da condição humana. Desse modo, para a autora, não se deve mascarar tal ambiguidade, mas sim assumi-la, uma vez que, sem ela, a liberdade não se manteria viva. Um exemplo de tal ambiguidade é notória n’ *O existencialismo e a sabedoria das nações*, cuja obra a autora expõe no capítulo intitulado “Olho por olho”, situações cujo sujeito em atividade se torna juiz e carrasco, ao mesmo tempo, da própria história. Ou, em outras palavras, o sujeito que age em direção a outrem se apresenta como “consciência soberana e pura liberdade” (BEAUVOIR, 1965, p. 104) e, no mesmo instante, “uma miserável coisa torturada” (*ibidem*, p. 104). Desse modo, o indivíduo experimenta “a trágica ambiguidade da sua condição de homem” (*ibidem*, p. 104); portanto, não há como fugir dessa condição ambígua. Nas palavras de Beauvoir, o ser humano “[...] realiza concretamente o reverso da situação; realmente e concretamente, restabelece essa relação de reciprocidade entre consciências humanas cuja negação constitui a mais profunda das injustiças” (*ibidem*, p. 104). E assim a autora encerra: “objeto para outrem, todo o homem é sujeito para si; e reivindica violentamente ser reconhecido como tal.” (*ibidem*, p. 104-105). Em novos termos, o indivíduo é o que é para si mesmo; mas isso implica em uma relação, cuja direção é outrem. Assim:

Uma moral da ambiguidade será uma moral que se recusará a negar *a priori* que existentes separados possam ao mesmo tempo estar ligados entre si e que suas liberdades singulares possam forjar leis válidas para todos. (BEAUVOIR, 2005, p. 21, grifo da autora).

Desse modo, pensar a possibilidade de uma moral da ambiguidade é reconhecer que é necessário, antes de qualquer coisa, negar *a priori* que seja possível conceber seres que possam ter suas consciências separadas e, ao mesmo tempo, estarem relacionados entre si e entre suas condições (de sujeitos livres) a fim de formularem leis que sejam

equivalentes para todos os outros seres. Nessa perspectiva, é preciso retornar a liberdade para descobrirmos os princípios dos atos cujo alcance seja universal. O indivíduo, segundo Beauvoir, se lança no mundo como uma partida que se pode ganhar ou perder, sendo que a ideia primordial dessa partida será ensinar a ganhar. Isto é o ato moral. Porém para que tal ato seja passível de realização é preciso que tal indivíduo admita sua condição de liberdade, ou seja, de homem livre. Em vista disso, o desígnio humano é ambíguo, pois o sujeito quer ser, mas fracassa ao coincidir com essa vontade. Ora, então, como o homem pode “ganhar” (*ibidem*, p. 25) inserido nesta situação que o levará ao fracasso? Para Beauvoir, além de o sujeito querer ser, ele, como veremos logo adiante, também busca o desvelamento de ser. O ato de ganhar se torna possível na medida em que o homem, através do desvelamento de ser, se coloca como uma presença no mundo e, em resposta a isso, o mundo também se torna presente em direção ao homem. É uma correlação. Ao fim desta jogada, a busca pela liberdade e pelo desvelamento de ser são o mesmo movimento. Deste modo, é preciso que a espontaneidade original do homem se eleve à altura de uma liberdade moral tomando a si mesma “[...] como fim através do desvelamento de um conteúdo singular” (*ibidem*, p. 32).

Vimos que a moral ensaiada por Simone de Beauvoir não está associada à ideia de algum ser suprassensível e nem metafísico no sentido clássico. A proposta da autora é compreender a existência no seu sentido geral a partir de uma análise da qual ela pudesse “aderir sem reticências” (BEAUVOIR, 2018, p. 445) sua condição, isto é, sem colocar a existência como dependente de algo. Seguindo a perspectiva da filósofa, o homem possui apenas razão perante seus próprios olhos, uma vez que, como já dito, ele existe se fazendo como falta de ser, isto é, havendo um revestimento existencial pela busca de ser. Através dessa falta de ser que os valores aparecem, o desejo cria o desejável, e, por fim, o projeto estabelece um fim em direção a si mesmo. A liberdade é realizada quando o sujeito se coloca diante de outrem como presença. Mas a liberdade “jamais é realizada” (BEAUVOIR, 2005, p. 27), uma vez que é necessário que ela “se realize incessantemente” (*ibidem*, p. 27). Assim, do mesmo modo é o projeto: ele “jamais é fundado, ele se funda” (*ibidem*, p. 27). Essa espontaneidade original se realiza como liberdade moral, em vista que o indivíduo “só se define por sua relação com o mundo e com os outros indivíduos” (*ibidem*, p. 125). Dessa forma, “[...] ele só existe ao transcender-se e sua liberdade só pode ser realizada através da liberdade de outrem” (*ibidem*, p. 125). Novamente temos a ambiguidade presente na reflexão, pois a humanidade, como “voltar-se para os homens” (*ibidem*, p. 156), “se projeta para a

liberdade” (BEAUVOIR, 2018, p. 446) ou “se acomoda a uma escravidão inerte” (*ibidem*, p. 446). É necessário se projetar rumo a um futuro incerto, cuja única certeza é a busca pela liberdade. Nessa perspectiva, o indivíduo, ao realizar tal movimento, se relaciona com outrem e, com razão, se apreende na escolha coletiva. Mas como Beauvoir define a humanidade para refletir a condição humana?

O fato histórico não pode ser considerado como definindo uma verdade eterna; traduz apenas uma situação, que se manifesta precisamente como histórica porque está mudando. [...] a humanidade é coisa diferente de uma espécie: é um devir histórico; define-se pela maneira pela qual assume a facticidade natural. (BEAUVOIR, 2010, p. 916; p. 919).

Esta diferenciação entre espécie e humanidade é de extrema importância aqui. Ao refletirmos o conceito de espécie nos deparamos com a ideia de divisão dos seres de determinada categoria em grupos de características distintas, mas pertencendo à mesma natureza. O conceito de humanidade é de caráter distinto, pois ele se dá de outro modo. A humanidade seria o movimento histórico, isto é, uma mobilidade capaz de criar e transformar o que está ao seu redor. Concluindo, seria a atuação que permitiria o *fazer existir* algo. A humanidade se define conforme assume, segundo Beauvoir, sua facticidade natural. A facticidade natural é o conjunto de fatos considerados naturais perante a perspectiva humana. Assim, a humanidade assume sua posição de facticidade natural e permite o desenrolamento da história no seu aspecto geral. Para a filósofa, a humanidade funda situações limitadas, uma vez que as presenças delas são finitas. Tentar sonhar uma possível infinitude da humanidade é, nada mais nada menos, que perder-se em sonho, em vista que o homem não deixaria de “estar aí” (BEAUVOIR, 2005, p. 126) de sua confirmação, através de seus projetos finitos. A autora reflete a escolha coletiva devido à compreensão de que “[...] um homem sozinho no mundo seria paralisado pela visão manifesta da vaidade de todas as suas metas; ele certamente não poderia suportar viver” (*ibidem*, p. 169). Por fim, a relação coletiva é um dos fatos que permitiria a vivência humana.

5. Querer ser livre e querer o desvelamento do ser: única e mesma escolha

Beauvoir, em *Por uma moral da ambiguidade*, se dedicou a estabelecer uma relação de aderência entre querer ser livre e querer o *desvelamento* do ser. A autora buscou compreender a transcendência do ser, ou seja, a expansão do ser enquanto sujeito existente no mundo. Contudo, para que tal ação se realizasse faticamente seria necessário,

antes de qualquer coisa, compreender como a liberdade atua na busca da expansão da existência humana.

Querer a liberdade, querer desvelar o ser, é uma única e mesma escolha; assim se define um procedimento positivo e construtivo da liberdade que faz passar o ser à existência num movimento incessantemente superado; [...] trata-se para o homem de perseguir a expansão de sua existência e de recuperar como absoluto esse próprio esforço. (*ibidem*, p. 68).

Ou seja, em tese caberia ao indivíduo querer a sua própria liberdade e, com efeito, sua projeção de ser num movimento puramente existencial. O progresso das ciências em geral apenas se tornou possível devido à conquista da existência sobre o ser. A busca pela originalidade de dois querereres (querer ser livre e querer o desvelamento de ser) são as mesmas escolhas, uma vez que, só assim o projeto humano, em direção à liberdade, seria passível de realização para o homem. A superação do homem em relação a si mesmo e aos outros que permite a estabilidade vital e, com razão, permite o desvelamento do mundo. Mas o desvelamento do ser implica certa tensão humana, devido o atrito gerado entre querer tal desvelamento e querer colocar-se como um indivíduo presente no mundo. Tal tensão também é ambígua, pois “[...] ele [o homem] quer ser, e na medida em que coincide com essa vontade, fracassa” (*ibidem*, p. 25). Mas como vimos anteriormente, o fracasso traz consigo certo engajamento para que o sujeito supere sua situação a todo instante. Para Beauvoir, o homem deve assumir sua responsabilidade de agir livremente e, com razão, moralmente, para assim criar seus próprios valores e realizar seus projetos. Logo, se ele realizasse tais atos não haveria do porque o homem sonhar com um paraíso metafísico que todos estariam conciliados após o fim de sua existência; pois ao realizá-los, ele estaria aderindo a um movimento concreto e singular, cuja espontaneidade se define ao lançar-se rumo a um fim. Assim, “[...] num único movimento, minha vontade, fundando o conteúdo do ato, por ele se legitima” (*ibidem*, p. 27).

6. Considerações finais

Considerando este breve artigo escrito até aqui, é possível entendermos que a ambiguidade, como condição humana, seria um dos movimentos que permite a realização do sujeito fático como um ente livre e, no mesmo instante, moral. A moral existencialista, segundo Beauvoir, teve até o presente momento a importante função de recusar qualquer modo de justificativa prévia da existência que os indivíduos pudessem retirar dos costumes criados no mundo. Partindo disso, podemos perceber que o indivíduo realiza

sua vontade de querer a própria liberdade através de projetos, e por meio deles que tal indivíduo assume um movimento inteiramente construtivo e, com razão, se depara com a moralidade de sua própria condição. Após isso, o indivíduo em questão se lança num movimento existencial que o permite afirmar-se como ser humano. Em última instância, o que Simone de Beauvoir fez foi evocar a austeridade de uma possível doutrina filosófica, ou seja, o que ela própria denominou de moral da ambiguidade. Tal sistema filosófico visava refletir a condição humana e como ele se torna ambíguo quando o sujeito aparece no mundo e assume sua liberdade. Desse modo, a liberdade busca o desvelamento do ser, isto é, procura pela expansão de sua própria existência. Para a autora, o sujeito não deve buscar captar o ser, mas sim desvelá-lo, em vista que o desvelamento de ser seria a passagem do ser à existência. “A meta” escreveu Beauvoir, “[...] visada por minha liberdade é conquistar a existência através da espessura sempre faltosa de ser” (*ibidem*, p. 30). Em vista disso, o indivíduo, ao se situar, também situa os outros indivíduos em torno de si. Beauvoir lida com liberdades, mas estas não dependem das liberdades de outrem, pois elas não são unidas e nem opostas: elas são separadas. O sujeito se posiciona como um sujeito livre, entretanto tal posicionamento implica uma moralidade, que ele terá de cumprir, mesmo recusando-a. Essa moralidade é um dos movimentos que permite que o homem, através de sua liberdade, confirme sua existência como valor. Assim, para Beauvoir, a moral “[...] retomando para si a revolta de Descartes contra o gênio maligno, o orgulho do caniço pensante diante do universo que o esmaga, ela [a moral] afirma que, apesar de seus limites, através deles, cabe a cada um realizar sua existência como um absoluto” (*ibidem*, p. 127). Após refletir a liberdade do indivíduo para este transcender toda transcendência, ou seja, transcender rumo a um fim, Beauvoir conclui que:

[...] jamais escapamos a ela [a condição humana] e não temos nenhum meio de encará-la de fora para julgá-la. Somente ela torna possível a palavra. É com ela que se definem o bem e o mal; as palavras utilidade, progresso, temor só têm sentido em um mundo em que o projeto fez aparecerem pontos de vista e fins. (BEAUVOIR, 2005, p. 206).

Agora, por fim, podemos notar que a busca incansável pela liberdade, rumo a um futuro indefinido, faz com que o aspecto ambíguo da condição humana seja desvelado. Ao realizar esse movimento, o indivíduo se torna moral, uma vez que tal moralidade é encontrada na liberdade singular em contato com a liberdade de outrem.

Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, S. *A força da idade*. Trad. Sérgio Milliet. 6ª Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018, p. 445-446/ 518-520.

BEAUVOIR, S. *O existencialismo e a sabedoria das nações*. Trad. Manuel de Lima; Bruno da Ponte. Lisboa: Minotauro, 1965.

BEAUVOIR, S. *Por uma moral da ambiguidade*. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo* (volume único). Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

MOUTINHO, L. D. S. *Sartre: existencialismo e liberdade*. 2ª Edição. São Paulo: Moderna, 1995.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Trad. Vergílio Ferreira. 2ª Edição. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Trad. Paulo Perdigão. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.

TEIXEIRA, N, M, A. *Querer-se livre e querer-se moral é só e mesma decisão: Beauvoir e a ética da ambiguidade*. Amargosa, v. 17, n. 01, p. 398-412, junho, 2018. Disponível em:
<<https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/download/786/501/>>. Acesso em: 22 de julho de 2019.